

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CURSO EM LETRAS – PORTUGUÊS**

CAROLINE FREITAS RODRIGUES

AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS NAS AULAS DE PORTUGUÊS

Jaguarão/Polo Esteio

2021
CAROLINE FREITAS RODRIGUES

AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS NAS AULAS DE PORTUGUÊS

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado ao curso de Letras –
Português da Universidade Federal do
Pampa/Universidade Aberta do Brasil
como requisito parcial para obtenção do
título de licenciada em Letras –
Português.

Orientador Prof^o: Lúcio Jorge Hammes

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 08 de dezembro de
2021.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes
Orientador
(Unipampa)

Prof. Ms. Eduardo Garralaga Melgar Júnior
(SMED Pelotas)

Prof. Dr. Maurício Vieira Aires
Unipampa

Assinado eletronicamente por **MAURICIO AIRES VIEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/12/2021, às 14:34, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIO JORGE HAMMES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2021, às 09:06, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **EDUARDO GARRALAGA MELGAR JUNIOR, PESSOAL VOLUNTÁRIO**, em 20/12/2021, às 13:29, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0690304** e o código CRC **0DB4336D**.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

R696v Rodrigues, Caroline Freitas

AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS NAS AULAS DE PORTUGUÊS /
Caroline Freitas Rodrigues.
17 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2021.

"Orientação: Lúcio Jorge Hammes".

1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO BRASIL. 2. LÍNGUA: FATO SOCIAL E
COLETIVO. 3. PRECONCEITO LINGUISTICO. I. Título.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO BRASIL.....	09
2.1 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	09
3 METODOLOGIA.....	10
4 LÍNGUA: FATO SOCIAL E COLETIVO.....	11
4.1 A GRAMÁTICA DEVE SER ENSINADA NAS AULAS DE PORTUGUÊS?.....	14
4.2 PRECONCEITO LINGUISTICO.....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
REFERÊNCIAS.....	17

AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS NAS AULAS DE PORTUGUÊS

Caroline Freitas Rodrigues¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a abordagem das variedades linguísticas nas aulas de português. Em um país com diferenças culturais e regionais e uma desigualdade social que se aprofunda, por qual razão as variedades linguísticas da língua Portuguesa não são valorizadas e estudadas? A partir deste questionamento foi desenvolvida essa pesquisa bibliográfica descritiva com o intuito de trazer as teorizações de autores que estudam esta temática e as contribuições presentes na BNCC – Base Nacional Comum Curricular. Constata-se que há mudanças que se fazem necessárias na educação do Brasil. E, ao professor cabe estar atento ao que realmente é prioritário que se estude em aula e assim realizar uma mediação entre o estudo da língua e aquilo que é necessário ao aluno, respeitando o contexto social e cultural que este sujeito está inserido, para que ele faça uso deste estudo na sua realidade sendo assim capaz de se colocar como um cidadão crítico e entendedor do mundo à sua volta.

Palavras-chave: Português, Aulas, Variedades linguísticas.

ABSTRACTO: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el enfoque de las variedades lingüísticas en las clases de portugués. En un país con diferencias culturales y regionales y una desigualdad social cada vez más profunda, ¿por qué no se valoran y estudian las variedades lingüísticas de la lengua portuguesa? A partir de este cuestionamiento, se desarrolló esta investigación bibliográfica descriptiva con el fin de acercar las teorizaciones de los autores que estudian este tema y los aportes presentes en el BNCC - Base Curricular Nacional Común en educación en Brasil. Y, le corresponde al docente ser consciente de lo que realmente es una prioridad para estudiar en clase y así mediar entre el estudio de la lengua y lo que es necesario para el alumno, respetando el contexto social y cultural en el que se inserta esta asignatura. , para que haga uso de este estudio en su realidad, pudiendo así posicionarse como un ciudadano crítico y comprensivo del mundo que lo rodea.

Palabras clave: portugués, clases, variedades lingüísticas.

¹Acadêmico do curso de Letras – Português, da Universidade Federal do Pampa/Universidade Aberta do Brasil, Polo Esteio. Email institucional: carolinerodrigues.aluno@uipampa.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Ser professor de Português em nosso país atualmente exige estar estudando e pesquisando, pois, nossa língua é dinâmica e está em constante movimento. O mito de uma uniformidade linguística brasileira já não pode ou não deveria ter espaço nas instituições de ensino. No entanto, ainda observamos o domínio do ensino da Norma Culta em detrimento das variedades linguísticas usadas pelos falantes da nossa língua materna. As consequências desse fato contribuem para que brasileiros acreditem não saber português e não possuir competências para aprender essa língua. Um ensino descontextualizado da realidade dos estudantes torna cada vez maior o abismo entre as camadas sociais brasileiras, tornando-se excludente e preconceituoso.

Em um país de tantas diferenças culturais e regionais, de uma desigualdade social crescente, por qual razão as variedades linguísticas da língua Portuguesa não são valorizadas e estudadas pela grande maioria dos alunos? O objetivo do presente trabalho é refletir sobre a abordagem das variedades linguísticas nas aulas de português.

Para Bagno (2007) o preconceito linguístico traz grandes prejuízos à sociedade. Em tese esse preconceito pode estar diretamente associado ao fato da prioridade dada ao estudo da Norma Culta, que é uma variante da língua importante e deve ser contemplada no Ensino de Português, contudo não deve dominar as aulas, pois impossibilita que o estudante seja ativo no processo de aprendizagem, e traga para o contexto escolar sua realidade de uso da língua, para que desenvolva habilidades que poderão beneficiá-lo no âmbito acadêmico e social.

Para que as variações linguísticas dos falantes brasileiros sejam discutidas e valorizadas no contexto educacional e social é necessário um processo de reflexão

e ressignificação das práticas pedagógicas, desde o professor no chão da sala de aula até as esferas mais altas da Educação.

Para refletir sobre a prática da aula de português Antunes (2015, p. 19) traz apontamentos sobre questões que envolvem o ensino da língua portuguesa nas escolas brasileiras. De acordo com a autora, adequar às aulas ao que a base nacional comum curricular aponta como obrigatório e às reais necessidades dos alunos é um grande desafio. O professor muitas vezes se encontra atrelado aos conteúdos que deve repassar aos estudantes, que por vezes não dá conta de usar o espaço de suas aulas para uma prática que, auxilie seu aluno a se tornar conhecedor e apreciador das mais variadas formas de aplicação das aprendizagens da disciplina de português.

2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO BRASIL

No Brasil o linguista pioneiro no tratamento do preconceito linguístico foi Marcos Bagno (1999) que apresenta de uma maneira clara e objetiva seus apontamentos sobre a linguagem e suas funções sociais, bem como fala sobre o ensino da língua nas escolas pelos professores de português.

No fundo, a idéia de que “português é muito difícil” serve como mais um dos instrumentos de manutenção do status das classes sociais privilegiadas. Essa entidade mística e sobrenatural chamada “português” só se revela aos poucos “iniciados”, aos que sabem as palavras mágicas exatas para fazê-la manifestar-se. (BAGNO, 2007, p.39)

O autor (BAGNO, 2007) expõe que o preconceito linguístico acontece em razão da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. Afirma que os meios de comunicação e a própria escola são responsáveis por “disseminar e intensificar o preconceito lingüístico” valorizando a gramática normativa em detrimento da língua realmente falada pela população.

[...] ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma lingüística como se fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc.” (BAGNO, 2007, p,15)

Para Bagno (2007, p. 13) “A ortografia é artificial, ao contrário da língua, que é natural. A ortografia é uma decisão política, é imposta por decreto, por isso ela pode

mudar, e muda de uma época para outra.” Sendo assim trabalhar português em sala de aula, sem considerar as variações da fala dos alunos, é desconsiderar o fato de que nossa língua é dinâmica e perpetuar uma educação de discriminação e exclusão, limitando a capacidade de desenvolvimento dos estudantes.

2.1 Práticas pedagógicas

De acordo com António Nóvoa (2019) mudar as práticas pedagógicas das escolas se faz necessário:

A mudança faz-se a partir de uma matriz cultural e científica, afirmando a importância do conhecimento, sem ceder nem à ideologia do *backto basics* (a escola mínima de antigamente, do *ler, escrever e contar*), nem a uma escola folclórica afogada numa infinidade de projetos que, tantas vezes, apenas revelam a dificuldade para renovar as práticas pedagógicas. Não vale a pena alimentarmos ilusões, trazendo tudo para dentro da escola, uma *escola transbordante*, sem rumo e sem sentido. Mas vale a pena trabalhar para a construção de um espaço público de educação, a *cidade educadora*, no qual a escola se articula com outras instituições, grupos e associações. (NÓVOA, 2019, p 9)

Esta afirmação feita por Nóvoa (2019) aponta que o docente precisa adotar novos recursos didáticos, proporcionando um ensino eficaz que leve o aluno a ter verdadeiramente uma aprendizagem significativa.

Para Antunes (2017) não existem dúvidas de que os professores devem ensinar a gramática normativa nas aulas de língua portuguesa, embora se saiba que ela em si não ensina ninguém a falar, ler e escrever. É preciso valorizar a língua falada pelo aluno, considerando que a gramática é importante, mas não é a única, variação da língua, resignificando seu estudo para atingir o aluno e suas necessidades. Sobre isso Bagno(2007) afirma que :

Ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano. Ensinar para o bem é acrescentar e não suprimir é elevar e não rebaixar a auto-estima do indivíduo. Somente assim, no início de cada ano letivo este indivíduo poderá comemorar a volta às aulas, em vez de lamentar a volta às jaulas. (BAGNO, 2007 p, 132).

O estudo da língua é essencial para o aluno, contudo as abordagens precisam atender as reais condições desse educando de uma forma a contemplar

sua realidade em um ensino livre de preconceitos. Chomsky (1996) aponta sobre a evolução do ensino de gramática nas escolas brasileiras:

Como se deve ensinar depende de todo tipo de questão. Essas questões não têm nada a ver como a língua funciona. Têm a ver com os objetivos do sistema educacional, com problemas sociais e políticos. (CHOMSKY 1996, p. 74).

Essa afirmação aponta que as razões pelas quais o ensino de Português envolve muitas questões, entre elas estão fatores culturais, sociais, políticos, econômicos que aguçam a discussão entre o ensino da língua e a exclusão social.

3 METODOLOGIA

O presente Trabalho de Conclusão de Curso em forma de artigo apresenta pesquisa bibliográfica com o intuito de evidenciar e refletir sobre como as variações linguísticas são abordadas pelos professores de Português em sala de aula.

Segundo Gil (2007), pesquisa é definida como o

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. (Gil, 2007, p. 17)

Esse artigo tratará das teorizações de autores, como: Bagno (2007), Antunes (2015), Nóvoa (2019), Possenti (1996), Bortoni (2000), bem como apontamentos sobre o tema presentes na BNCC – Base Nacional Comum Curricular.

4. Língua: fato social e coletivo

A língua é heterogênea, suas mudanças são contínuas. As variações que a língua apresenta são devido a aspectos sociais, culturais, econômicos e geográficos. O português evoluiu com o passar do tempo, e se modificou para atender as necessidades de seus falantes. A linguística moderna prioriza seus estudos em torno da língua falada, em função desta estar sempre sendo usada, pois atinge um grande número de situações as quais seus falantes estão expostos socialmente.

A língua é a principal maneira de expressão dos seres humanos, variando de acordo com a cultura, a região, à época, o contexto e as necessidades daquela pessoa de se comunicar.

Sendo a variação linguística um processo natural e efetivo refletir sobre a linguagem é um objeto do ensino de língua portuguesa nas escolas, possibilitando aos alunos a compreensão dos saberes linguísticos para que possam utilizá-los na vida social de forma efetiva.

Nas escolas brasileiras observa-se um ensino descontextualizado da língua portuguesa, em que as variedades da língua não são valorizadas, desencadeando um distanciamento do aluno e do professor, que fala um português que não se aplica no contexto social que o discente está inserido, nem tão pouco é apresentado opções da importância de se conhecer a norma culta, como mais uma variante da língua, não a única nem a correta, mas uma variedade.

[...] Não vale a pena recolocar a discussão pró ou contra a gramática, mas é preciso distinguir seu papel do papel da escola — que é ensinar língua padrão, isto é, criar condições para seu uso efetivo. É perfeitamente possível aprender uma língua sem conhecer os termos técnicos com os quais ela é analisada. A maior prova disso é que em muitos lugares do mundo se fala sem que haja gramáticas codificadas, e sem as quais evidentemente não pode haver aulas de gramática como as que conhecemos. (POSSENTI, 1996, p. 39)

Para que as variações linguísticas sejam estudadas e valorizadas nas escolas se faz necessário que o professor ressignifique suas práticas pedagógicas. A escola tem como padrão o ensino de língua portuguesa priorizando a gramática normativa. Deste modo as aulas de português se ocupam de exercícios gramaticais repetitivos, quando deveriam sim estar estudando a gramática, mas de forma contextualizada, com propostas que tragam reflexão e significado, a professora Irande Antunes trás muitos questionamentos sobre o sentido das aulas de português:

Aulas de português, perguntemo-nos todos os dias: a favor de quem? A favor de quê? Se as pessoas não ficam mais capazes para - falando, lendo escrevendo e ouvindo – atuarem socialmente na melhoria do mundo, pela construção de um novo discurso, de um novo sujeito, de uma nova sociedade, para quê aulas de português? (ANTUNES, 2003, p.176)

A ressignificação das práticas pedagógicas dos professores de português se faz necessária, incentivando as práticas de leitura, escrita e oralidade, aplicadas à realidade e ao contexto social, econômico e cultural em que os envolvidos estão inseridos. Associar teoria e prática. Trabalhar por uma aula em que as atividades propostas conduzam o aluno a se aproximar do professor e do conhecimento, dando

significado ao processo de ensino-aprendizagem. Ressignificar o estudo da língua como prática de inclusão social e valorização da nossa cultura.

O papel da escola é garantir aos alunos todos os saberes linguísticos necessários para dominar a leitura e a escrita da língua portuguesa.

Refletir sobre a linguagem e sobre comunicação é um objetivo que norteia as orientações pedagógicas para o ensino de língua, para que possibilite aos alunos a reflexão crítica sobre o estudo do português, destinando seus saberes para participarem da vida social de forma ativa e crítica.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), define que a Base Comum Curricular deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil.

“BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação” (BNCC, 2017, p. 16).

A BNCC indica a importância de o estudante compreender sua língua materna.

“A língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades a que pertencem.” (BNCC, 2017, p.85)

Na BNCC a abordagem feita com as variedades linguísticas é recomendada por meio das práticas de linguagens e do trabalho com os eixos de Análise Linguística/semiótica e de Oralidade. De acordo com a BNCC, cabe ao componente Língua Portuguesa

“Proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BRASIL, 2017, p. 65-66)

Em tese as atividades propostas em sala de aula pelos professores devem estar proporcionando aos alunos a compreensão das variações linguísticas e seu uso social. Mas a realidade de um modo geral nas salas de aula brasileiras é um ensino da norma padrão gramatical, deixando de lado as variedades da língua.

Sendo a língua um fenômeno social que existe em função da interação entre seus falantes, a escola precisa trazer para dentro de seus muros a realidade dessa língua falada por seus alunos, dentro de sua comunidade, os estudantes são capazes de refletir sobre o uso do português, mas para isso é necessário que as propostas de estudo façam correspondência com a realidade de todos os envolvidos nesse processo de ensino.

Não escrevemos como falamos, o professor deve compreender que é necessário, dentre outras coisas, que se valorize a oralidade dos estudantes e que se compreenda que eles transferem para as escritas marcas da variedade linguística que usam no dia-a-dia.

O professor deve mediar os estudos da língua para que o aluno desenvolva a habilidade de adequar a sua linguagem de acordo com as situações de uso, sabendo que a língua materna sofre variações, e que o seu dialeto faz parte do português e pode ser usado.

A escola não pode ignorar as diferenças sociolingüísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade [...] os alunos que chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades lingüístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social [...]. (BORTONI, 2005, p.15)

Uma aula de português onde a gramática é mais valorizada do que a oralidade e a escrita é um espaço que também por consequência não valoriza as variedades linguísticas existentes naquele espaço escolar.

Ainda há muitas mudanças que se fazem necessárias na educação do Brasil, ao professor cabe estar atento ao que realmente é prioritário que se estude em aula e assim realizar uma mediação entre o estudo da língua e aquilo que é necessário ao aluno, respeitando o contexto social e cultural que este sujeito está inserido, para que ele faça uso deste estudo na sua realidade sendo assim capaz de se colocar como um cidadão crítico e entendedor do mundo à sua volta.

4.1 A gramática deve ser ensinada nas aulas de português?

Possenti traz em sua obra “Por que (não) ensinar gramática na escola”, que para saber português não existe a necessidade de se conhecer nomenclaturas e regras gramaticais.

Os professores que ensinam a língua portuguesa precisam ensinar a gramática normativa para atender aos Parâmetros Curriculares Nacionais, o que dificulta a aprendizagem dos alunos, pois a abordagem tradicional do ensino da língua prioriza as regras de português não se adequando ao uso inserido e contextualizado na realidade dos estudantes, referente a isso Sirio Possenti (1996, p. 48) aponta que “O modo de conseguir na escola a eficácia obtida nas casas e nas ruas é “imitar” da forma mais próxima possível as atividades linguísticas da vida”.

Segundo Possenti (1996, p. 52) “Falar contra a “gramatiquice” não significa propor que a escola só seja “prática”, não reflita sobre questões de língua” Trazendo a reflexão que se pode estudar gramática sim na escola, pois esse estudo também faz parte do uso e da reflexão sobre a língua. Contudo as práticas pedagógicas de estudo da gramática precisam ser repensadas, para o autor “discutir os preconceitos é certamente mais importante do que fazer análise sintática-eu disse mais importante, o que significa que a análise sintática é importante, mas é menos.” (p. 53)

Antunes (2002) afirma que não se conseguirá sucesso no ensino sem se alterar a concepção de gramática e a concepção de seus limites na semântica das atuações verbais.

A língua é um fato social e coletivo, que existe em função do uso dos indivíduos.

Na escola só se conseguirá atingir o objetivo de formar cidadãos críticos e agentes na sociedade se esse sujeito tiver acesso à cultura letrada. Para Bagno (2015) “práticas que se revelam, ao fim e ao cabo, inúteis e irrelevantes para, de fato, levar alguém a se valer dos muitos recursos que a língua oferece”. Sobre os exercícios gramaticais reprodutivos e sobre aulas de português que não se renovam e simplesmente se apegam a tarefas envolvendo análise sintática e morfológica, deixando de lado o estudo da língua como fenômeno social. Bagno (2015) afirma que o principal objetivo da educação linguística é a inserção do aprendiz na cultura letrada. O autor coloca que o Brasil é um país de analfabetos funcionais e que só

poderá ter uma população capaz de exercer sua cidadania, quando a maioria dela dominar plenamente a leitura e a escrita.

[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolingüísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos (BAGNO, 2002, p. 134).

Para que o aluno domine plenamente a oralidade e a grafia da língua portuguesa não bastam participar de aulas que somente se ocupem de conceitos gramaticais e nomenclaturas.

O que precisa estar incluso nos objetivos de uma aula de um planejamento é o aprimoramento dos conhecimentos gramaticais para usar adequadamente os recursos que o português oferece. Conhecer a gramática é importante, mas sempre aliando teoria e prática, pois conceitos soltos não serão precursores de uma aprendizagem significativa. Para falar e escrever bem o Português é preciso muita escrita e muita leitura de textos que envolvam temáticas realmente significativas para a vida de quem os lê e escreve.

4.2 O preconceito linguístico

Para Antunes (2009) a forte ligação das instituições de ensino com a distinção da linguagem certa ou errada alimenta as manifestações do preconceito linguístico.

Marcos Bagno afirma que o preconceito linguístico é fruto “da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica”. O autor na sua obra *Preconceito linguístico – que é, como se faz.* (2007) expõe que o preconceito linguístico acontece em razão “da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica”, ele apresenta oito mitos sobre a língua portuguesa, entre eles está a afirmação que “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, desconsiderando as variedades linguísticas presentes no português.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]” (BAGNO, 2007, p. 38).

Os mitos sobre a língua vêm sendo perpetuados e quem não têm acesso à educação formal, muitas vezes é discriminado por não utilizar a variante padrão da língua e o preconceito linguístico se instala.

Para combater esse preconceito é necessário que se compreenda que as normas gramaticais não podem ser superiores às variedades apresentadas pelos falantes da língua portuguesa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa bibliográfica realizada até aqui é possível destacar que as variedades linguísticas presentes na língua portuguesa são diversas devido a aspectos sociais, culturais, econômicos e geográficos. Nenhuma variedade é melhor ou pior que a outra, existe uma grande diversidade de variações na língua portuguesa, pois cada falante dentro de sua comunidade desenvolve sua fala se adequando a suas necessidades de comunicação.

Para que as aulas de português atendam às necessidades de seus estudantes, de adequação da fala e da escrita conforme a intencionalidade de comunicação, é necessário que as práticas pedagógicas dos professores deixem de lado a transmissão de conteúdos gramaticais e proponham a construção de conhecimentos. Através de um ensino da língua contextualizado que valorize a bagagem de saberes que os alunos possuem, pode-se ressignificar o ensino de Português.

A escola precisa trazer para seu contexto educacional o maior número possível de variedades da língua portuguesa, proporcionando assim em espaço democrático de ensino, onde todas as formas da língua são estudadas e valorizadas com o mesmo interesse, tanto a norma culta padrão como a variação mais simples merecem e precisam estar em discussão no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. Aula de Português encontro e interação. São Paulo Editora Parábola, 2015

BAGNO, Marcos. Preconceito Lingüístico: O que é, como se faz. 51.ed.São Paulo: Edições Loyola,2009

_____. Preconceito lingüístico - o que é, como se faz. 40ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. Parábola: São Paulo, 2007.

_____. Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Heterogeneidade lingüística e o ensino da língua: o paradoxo da escola. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Nos chegue mu na escola, e agora? Sociolingüística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/basecomumcurricularf>>. Acesso em ABRIL/2021

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CHOMSKY, N. Muito além da gramática: por um ensino de gramática sem pedra no caminho. São Paulo, Ed. Parábola, 2007

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

NÓVOA, António. Artigo Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. Universidade de Lisboa, Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019. Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623684910>. Acesso em ABRIL/2021.

POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola? Campinas: ALB. Mercado de Letras, 1996, 96 p., Coleção Leituras do Brasil.

Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 4 - Edição 4 – Junho. Disponível em <https://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/norma-culta-x-variantes-linguisticas-qual-deve-ser-a-posicao-da-escola.jhtm>. Acesso em MAIO/2021.